

CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Gessilene Silveira Kanthack*

1. INTRODUÇÃO

Os clíticos pronominais são elementos que, na sintaxe do Português Brasileiro (doravante PB), chamam a atenção por apresentar particularidades no tocante aos seus posicionamentos nas sentenças. Com o intuito de destacá-las, no presente trabalho apresentaremos uma descrição o mais detalhada possível do comportamento dos clíticos no PB, que vai conduzir a um quadro bastante amplo, pois colocações de clíticos que são pouco usadas na atualidade também serão destacadas. Portanto, aquilo que aparece como sendo de pouca relevância estatística nos *corpora* do PB será de grande valia para o propósito do trabalho, já que a intenção principal é descrever, sincronicamente, todos os possíveis posicionamentos dos clíticos em diversos contextos sintáticos.

2. O POSICIONAMENTO DOS CLÍTICOS

Como nas outras línguas românicas, no PB os clíticos podem ocorrer antes ou depois do verbo¹. Porém, nesta língua os clíticos apresentam várias peculiaridades. Dentre as principais destacamos: os clíticos apresentam comportamentos diferenciados no que se refere à colocação ao lado do verbo; a posição pré-verbal é generalizada em quase todos os contextos sintáticos; o clítico é licenciado junto do verbo lexical não-finito em estruturas com mais de um verbo adjacente; não exhibe com facilidade *clitic climbing*; não há impedimento quanto ao fato de o clítico aparecer em primeira posição na sentença; e não admite que mais de um clítico seja licenciado numa mesma sentença.

Na intenção de mostrar esses comportamentos, distribuimos os clíticos do PB em dois grupos, como mostra o quadro abaixo:

(1) Quadro de clíticos do PB

* UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus-BA.

¹No que diz respeito à ordem do clítico, vale colocar que ele também pode se realizar no meio de um verbo, como mesoclítico, com formas do futuro do presente, (ia) e (ib), ou do futuro do pretérito, (ic) e (id):

- | | | |
|-----|----------------------------|-----------------------------|
| (i) | a. ??Calar- me -ei. | b. ??Comprá- lo -ei |
| | c. ??Calar- me -ia. | d. ??Comprá- lo -ia. |

Esse tipo de colocação, no entanto, não será discutido no presente trabalho.

Primeiro grupo	Segundo grupo
me, te, se, lhe, nos	o

De um lado temos os clíticos *me, te, se, lhe* e *nos*; de outro, o clítico *o*, que dependendo do contexto em que ocorre pode ter um *onset* superficializado. Esta particularidade desse clítico nos permite fazer uma outra distribuição: o segundo grupo é composto pelo clítico *o* e sua variante com *onset*. Essa distribuição é pertinente já que a colocação dos clíticos nas sentenças não é homogênea.

2.1. A POSIÇÃO DO CLÍTICO EM SENTENÇAS COM UM SÓ VERBO

O comportamento dos clíticos, do quadro (1), em sentenças com um só verbo é idêntico nas sentenças raízes e subordinadas, não havendo assim necessidade de separar os dois contextos. Para o PB, a separação que parece relevante é a que coloca de um lado as sentenças com um único verbo, finito e não-finito, e do outro, aquelas com mais de um verbo adjacente.

2.1.1. COM UM SÓ VERBO FINITO

Em sentenças com um só verbo finito, o melhor lugar para o clítico ocorrer é antes do verbo, como ilustram (2) e (3)²:

- (2) a. Ele **me** visitou no hospital.
 b. ?Ele visitou-**me** no hospital.
 c. Ele **a** visitou no hospital.
 d. ?Ele visitou-**a** no hospital.
- (3) a. Ele nunca **me** encontrou na saída do colégio.
 b. *Ele nunca encontrou-**me** na saída do colégio.
 c. Ele não **o** encontrou na saída do colégio.
 d. *Ele não encontrou-**o** na saída do colégio.

Como se nota em (2), quando o clítico aparece depois do verbo a sentença é considerada marginal. Já em (3), onde há palavras com valor negativo à esquerda do verbo, o clítico somente pode ocorrer na posição pré-verbal, como indicam (3a) e (3c)³.

O contraste ilustrado em (3) também pode ser observado em sentenças subordinadas do PB, (4) e (5):

- (4) a. A Maria disse que o João **te** visitou no hospital.
 b. *A Maria disse que o João visitou-**te** no hospital.
 c. A Maria disse que o João **a** visitou no hospital.
 d. *A Maria disse que o João visitou-**a** no hospital.

² Julgamos as sentenças assim: gramatical (na nossa convenção, sem marca nenhuma); estranha, mas ainda tolerável (marca-se com ? ou com ?? a depender da sentença e da colocação); agramatical (marca-se com *).

³ Vale lembrar que nem mesmo o Português Europeu admite sentenças como (3b) e (3d).

- (5) a. Sei que a Maria nunca **me** procurou no trabalho.
 b. *Sei que a Maria nunca procurou-**me** no trabalho.
 c. A Maria afirmou que o João não **a** viu no fim de semana.
 d. *A Maria afirmou que o João não viu-**a** no fim de semana.

Até aqui vemos uma distribuição homogênea dos clíticos no PB: tanto o clítico do primeiro grupo quanto o de segundo ocorrem à esquerda do verbo finito. O comportamento deles muda quando entram em jogo as sentenças com um só verbo não-finito, como veremos na seção que se segue.

2.1.2. COM UM SÓ VERBO NÃO-FINITO

Em sentenças com um só verbo não-finito, a colocação pré-verbal dos clíticos não é generalizada. Constatamos isso em (6) e (7):

- (6) a. A Maria fez isso só para **me** magoar.
 b. ?A Maria fez isso só para magoar-**me**.
 c. ??Com o intuito de **a** agradar, o João mandou flores.
 d. Com o intuito de agradá-**la**, o João mandou flores.
- (7) a. Para não **me** cansar, fui pelo caminho mais curto.
 b. *Para não cansar-**me**, fui pelo caminho mais curto.
 c. ??Para não **o** assustar, os soldados se retiraram.
 d. Para não assustá-**lo**, os soldados se retiraram⁴.

Observamos nestes exemplos que o clítico *o* se comporta diferentemente dos outros clíticos em dois aspectos. O primeiro diz respeito à colocação: o clítico *me* ocorre na posição pré-verbal, (6a) e (7a), e o *o* na pós-verbal, (6d) e (7d). É neste posicionamento que verificamos o outro aspecto que diferencia o clítico *o* do *me*. Ao ser licenciado à direita do verbo infinitivo o *o* aparece com um *onset* superficializado. Além disso, notamos também que o verbo infinitivo perde o /-r/ final da sua forma, uma alteração que se verifica apenas quando o clítico posposto é o *o*, mas não quando é um dos outros clíticos, como mostram (6b) e (7b).

As alterações destacadas acima, entretanto, não se verificam quando o verbo em questão é o gerúndio. Observemos (8) e (9):

- (8) a. A Maria não viu a menina **me** beijando na testa.
 b. ?A Maria não viu a menina beijando-**me** na testa.
 c. *A Maria não viu a menina **o** beijando na testa.
 d. ?A Maria não viu a menina beijando-**o** na testa.
- (9) a. **Te** ajudando, estarei realizando uma boa ação.
 b. ?Ajudando-**te**, estarei realizando uma boa ação.
 c. ***O** ajudando, estarei realizando uma boa ação.
 d. ?Ajudando-**o**, estarei realizando uma boa ação.

⁴ O que é interessante observar no contraste entre (7c) e (7d) é que há uma palavra atratora, a negação, e, no entanto, a melhor colocação do clítico é depois do verbo.

Note-se que, independente de o gerúndio iniciar uma sentença (9) ou vir mais embaixo (8), a colocação dos clíticos de primeiro grupo em (8a), (8b), (9a) e (9b) é paralela aos exemplos (6a), (6b), (7a) e (7b): a próclise é generalizada. Quanto ao clítico *o*, vemos que ele aparece depois do verbo; porém sem o *onset*, como indicam (8d) e (9d).

Resumindo: em sentenças com um só verbo não-finito, vimos que os clíticos de primeiro grupo são licenciados na posição pré-verbal e o de segundo grupo, na pós-verbal. Neste tipo de posicionamento observamos duas particularidades: o verbo infinitivo, por apresentar um /-r/ final em sua forma, favorece a superficialização do *onset* do clítico *o*; com o *onset* do *o* visível o /-r/ final do infinitivo desaparece, o que não acontece com os demais clíticos do PB.

2.2. A POSIÇÃO DO CLÍTICO EM SENTENÇAS COM DOIS OU MAIS VERBOS ADJACENTES:

A particularidade que mais se destaca nas sentenças com mais de um verbo adjacente é a sistematicidade do clítico antes do verbo mais baixo. É uma posição específica dos clíticos *me*, *te*, *se*, *lhe* e *nos*. Como veremos, o clítico *o* jamais ocorre nessa posição. Devido a essa diferença de comportamento, trataremos os clíticos separadamente.

2.2.1. OS CLÍTICOS DE PRIMEIRO GRUPO:

Em sentenças com mais de um verbo adjacente o clítico de primeiro grupo se posiciona antes do verbo mais baixo. Em (10) esse verbo é o infinitivo:

- (10) a. Ela quer **me** encontrar nas férias.
b. ?Ela quer encontrar-**me** nas férias.

A posição desse tipo de clítico não muda se acrescentarmos à sentença um outro verbo infinitivo:

- (11) a. Ela pode querer **me** encontrar nas férias.
b. ?Ela pode querer encontrar-**me** nas férias.
c. *Ela pode querer-**me** encontrar nas férias.
d. ??Ela pode **me** querer encontrar nas férias.
e. *Ela pode-**me** querer encontrar nas férias.
f. ??Ela **me** pode querer encontrar nas férias.

A propósito desse posicionamento no PB, é possível apresentar testes que comprovam o fato de o clítico se amalgamar ao verbo mais baixo e não ao verbo mais alto da oração. Um deles pode ser construído se consideramos (12):

- (12) a. Ela quer sempre **me** encontrar nas férias.
b. *Ela quer-**me** sempre encontrar nas férias.
c. Ela pode querer sempre **me** encontrar nas férias.
d. *Ela pode querer-**me** sempre encontrar nas férias.

A presença do advérbio *sempre* assegura que, de fato, o *me* está cliticizado a *encontrar* (12a) e não a *quer* (12b). Note-se que mesmo com outro verbo infinitivo na sentença, (12c) *versus* (12d), o clítico não muda de posição.

O outro teste que justifica a colocação do clítico antes do verbo infinitivo e não de colocação após o verbo mais alto *me* foi sugerido por Carlos Mioto (conversa pessoal): em muitos registros do português é possível apagar o /-r/ final em infinitivos, quando ocorre a anteposição do clítico (13a), mas nunca é possível nos casos em que ele aparece depois do verbo, como mostra o contraste entre (13b) e (13c):

- (13) a. Maria quer **me** encontrá.
 b. *Maria quer encontrá-**me**.
 c. ?Maria quer encontrar-**me**.

Com o posicionamento pós-verbal do clítico, o /-r/ final do infinitivo se mantém (13c). Agora, se acrescentarmos um outro infinitivo na sentença, como em (14), observamos que a queda do /-r/ de *querer* é possível (14b):

- (14) a. Maria pode querer **me** encontrar.
 b. Maria pode querê **me** encontrar.

O teste pode ser estendido à forma finita *quer*, pois termina com /-r/, como os infinitivos. Vejamos (15):

- (15) a. Maria quer **me** encontrar.
 b. Maria qué **me** encontrar.

Se o /-r/ de *quer* pode ser apagado em (15b), somos levados a concluir que o *me* está cliticizado ao verbo *encontrar* e não ao verbo *quer*. Se ele estivesse licenciado após o primeiro verbo, só a forma *quer*, sem o /-r/ final apagado, poderia ocorrer.

Com a descrição apresentada até aqui, podemos afirmar que o clítico de primeiro grupo se amalgama ao verbo infinitivo mais baixo em sentenças com mais de um verbo adjacente. Esse mesmo comportamento se observa quando o verbo mais baixo está no gerúndio ou particípio ativo, como em (16) e (17)⁵:

- (16) a. Ele está **me** enrolando há vários dias.
 b. ?Ele está enrolando-**me** há vários dias.
 c. ??Ele **me** está enrolando há vários dias.
 d. *Ele está-**me** enrolando há vários dias.
- (17) a. Ela já tinha **me** procurado outras vezes.
 b. *Ela já tinha procurado-**me** outras vezes.
 c. ??Ela já **me** tinha procurado outras vezes.
 d. *Ela já tinha-**me** procurado outras vezes.

⁵ Com o particípio ativo, (17b), notamos que o clítico não pode ser licenciado na posição pós-verbal. O mesmo não se verifica em (16b), com o gerúndio, apesar da aceitabilidade variável da sentença.

Se acrescentarmos um outro verbo infinitivo em (16) e (17), a posição do clítico também não é alterada, como ilustram (18) e (19):

- (18) a. Ele pode estar **me** enrolando há vários dias.
 b. *Ele pode estar-**me** enrolando há vários dias.
 c. ??Ele pode **me** estar enrolando há vários dias.
 d. *Ele pode-**me** estar enrolando há vários dias.
 e. ??Ele **me** pode estar enrolando há vários dias.
- (19) a. Ela já devia ter **me** procurado outras vezes.
 b. *Ela já devia ter-**me** procurado outras vezes.
 c. ??Ela já devia **me** ter procurado outras vezes.
 d. *Ela já devia-**me** ter procurado outras vezes.
 e. ??Ela já **me** devia ter procurado outras vezes.

De fato, o clítico se posiciona antes do verbo mais baixo, que pode estar no gerúndio (18) ou particípio (19). Esse posicionamento também é registrado nas sentenças subordinadas, tanto indicativas (20) quanto subjuntivas (21):

- (20) a. O Paulo disse que a Maria vai querer **me** visitar em breve.
 b. ??O Paulo disse que a Maria vai **me** querer visitar em breve.
 c. A Joana disse que estará **me** visitando nas férias.
 d. ??A Joana disse que **me** estará visitando nas férias.
 e. O Mário tinha **me** procurado para pedir ajuda.
 f. ??O Mário **me** tinha procurado para pedir ajuda.
- (21) a. Não quero que ele vá **me** visitar na hora do almoço.
 b. ??Não quero que ele **me** vá visitar na hora do almoço.
 c. Espero que a Maria esteja **me** esperando no aeroporto.
 d. ??Espero que a Maria **me** esteja esperando no aeroporto.
 e. Ficaria feliz se ela tivesse **me** visto antes.
 f. ??Ficaria feliz se ela **me** tivesse visto antes.

O clítico deve vir à esquerda do último verbo do conjunto, que pode estar no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

Pela descrição apresentada nesta seção ficou evidente que, no PB, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes o clítico de primeiro grupo normalmente é licenciado junto do verbo não-finito mais baixo, sempre na posição pré-verbal.

2.2.2. O CLÍTICO DE SEGUNDO GRUPO:

Em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes notamos um comportamento diferenciado do clítico *o*. Observemos isso em (22) e (23):

- (22) a. *A Maria pode **o** encontrar naquele bar amanhã.
 b. *A Maria está **o** encontrando naquele bar nesse momento.
 c. *A Maria tinha **o** encontrado naquele bar ontem.

- (23) a. *A Maria pode **o** querer encontrar na festa amanhã.
 b. *A Maria pode **o** estar encontrando na festa nesse instante.
 c. *A Maria pode **o** ter encontrado na festa ontem.

Por um lado, vemos que o clítico *o* não pode ser licenciado antes do verbo não-finito; por outro, ele pode ocorrer antes do verbo finito, como em (24):

- (24) a. ??A Maria **o** pode encontrar amanhã.
 b. ??A Maria **o** está esperando nesse momento.
 c. ??A Maria **o** tinha encontrado ontem.
- (25) a. *A Maria pode-**o** sempre encontrar naquele bar.
 b. *A Maria está-**o** sempre encontrando naquele bar.
 c. *A Maria tinha-**o** sempre encontrado naquele bar.

Já depois do verbo finito, o clítico não pode ocorrer, como mostra (25). Entretanto, com um verbo não-finito ele pode aparecer na posição pós-verbal. Em (26), observamos que essa possibilidade de colocação se restringe apenas ao verbo não-finito mais baixo:

- (26) a. *A Maria pode querê-**lo** encontrar.
 b. A Maria pode querer encontrá-**lo**.
 c. *A Maria vai podê-**lo** encontrar.
 d. A Maria vai poder encontrá-**lo**.

Se o clítico não se realizar como em (26b) e (26d), poderá ocorrer apenas antes do verbo finito (24), contexto que não permite que o clítico *o* tenha um *onset* visível.

Então, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes vimos que o clítico *o* pode se posicionar em dois lugares. Mas, se forem contrastadas as duas possibilidades de colocação do clítico, percebemos que o melhor lugar para ele ocorrer é depois do verbo infinitivo e gerúndio. Vejamos (27):

- (27) a. A Maria pode encontrá-**lo** amanhã.
 b. ??A Maria **o** pode encontrar amanhã.
 c. ?A Maria está esperando-**o** nesse momento.
 d. ??A Maria **o** está esperando nesse momento.
 e. *A Maria tinha encontrado-**o** ontem.
 f. ??A Maria **o** tinha encontrado ontem.

Pelo que se nota nestes exemplos, o único caso em que *o* deve ser licenciado numa posição mais alta (embora seja uma sentença marginal) é aquele em que está presente o participio, como mostra o contraste entre (27e) e (27f).

A posição do clítico *o* também não muda em sentenças subordinadas, sejam elas indicativas (28), (29) e (30), sejam elas subjuntivas (31), (32) e (33):

- (28) a. ??A Joana avisou que ela **o** vai encontrar no aeroporto.
 b. *A Joana avisou que ela vai **o** encontrar no aeroporto.
 c. A Joana avisou que ela vai encontrá-**lo** no aeroporto.

- (29) a. ??A Joana avisou que ela **o** estará encontrando no aeroporto.
 b. *A Joana avisou que ela estará **o** encontrando no aeroporto.
 c. ?A Joana avisou que ela estará encontrando-**o** no aeroporto.
- (30) a. ??A Joana avisou que ela **o** tinha encontrado no aeroporto.
 b. *A Joana avisou que ela tinha **o** encontrado no aeroporto.
 c. *A Joana avisou que ela tinha encontrado-**o** no aeroporto.
- (31) a. ??Desejo que a Joana **o** vá visitar em breve.
 b. *Desejo que a Joana vá **o** visitar em breve.
 c. Desejo que a Joana vá visitá-**lo** em breve.
- (32) a. ??Gostaria que a Joana **o** estivesse observando agora.
 b. *Gostaria que a Joana estivesse **o** observando agora.
 c. ?Gostaria que a Joana estivesse observando-**o** agora.
- (33) a. ??Eu esperava que a Joana **o** tivesse visto no seminário.
 b. *Eu esperava que a Joana tivesse **o** visto no seminário.
 c. *Eu esperava que a Joana tivesse visto-**o** no seminário.

Novamente, chamamos a atenção para o fato de que o clítico não é licenciado depois do particípio ativo, (30c) e (33c). Com a presença deste na sentença o clítico *o* somente poderá ocorrer antes do verbo finito, (30a) e (33a), e, mesmo assim, são sentenças consideradas marginais.

Em resumo, vimos que em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes a colocação do clítico *o* não se pauta pela dos demais. Quando é usado, o clítico *o* poderá ocorrer em duas posições: antes do verbo finito ou depois do verbo não-finito, exceto com o particípio ativo. Se o verbo mais baixo ao qual o clítico se incorpora for infinitivo, tanto ele quanto o clítico sofrem alterações em suas formas: o clítico aparece com um *onset* superficializado e o /-r/ final do verbo desaparece. A superficialização do *onset* do *o* não se realiza quando ele se adjuge ao verbo finito.

2.3. A POSIÇÃO DO CLÍTICO EM SENTENÇAS COM PARTICÍPIO PASSIVO:

Além do contexto que vimos na seção anterior que contraria a regra geral do PB em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, há também um outro em que o clítico não pode ser licenciado antes do verbo mais baixo. Trata-se da sentença passiva. Vejamos (34):

- (34) a. *Esta casa foi dada-**me** de presente.
 b. *Esta casa foi **me** dada de presente.
 c. ??Esta casa **me** foi dada de presente.

Note-se que, nesse tipo de sentença, a cliticização somente acontece em uma posição mais alta, como indica (34c). Todavia, não é em qualquer posição mais alta que o clítico pode ocorrer. Podemos constatar isso nos exemplos que se seguem:

- (35) a. *Esta casa vai ser **me** dada de presente.
 b. *Esta casa vai **me** ser dada de presente.
 c. ??Esta casa **me** vai ser dada de presente.
- (36) a. *Esta casa está sendo **me** dada de presente.
 b. *Esta casa está **me** sendo dada de presente.
 c. ??Esta casa **me** está sendo dada de presente.
- (37) a. *Esta casa tem sido **me** dada de presente.
 b. *Esta casa tem **me** sido dada de presente.
 c. ??Esta casa **me** tem sido dada de presente.

O clítico se posiciona junto de um verbo finito, e não junto de um verbo de natureza não-finita. A presença de um infinitivo, (35), de um gerúndio (36) e de um particípio ativo (37) não mudam esse posicionamento em sentenças passivas.

Nesse tipo de sentença, por sua vez, os clíticos acusativos não são licenciados, pois se trata de uma construção inacusativa. Assim, os clíticos de segundo grupo jamais poderão ocorrer, já que eles são de natureza acusativa.

2.4. O COMPORTAMENTO DOS CLÍTICOS NO INÍCIO DE SENTENÇAS:

Um outro tipo de situação que mostra o comportamento particular dos clíticos no PB pode ser visto em (38):

- (38) a. **Te** procuro todos os dias.
 b. ?Procuro-**te** todos os dias.
 c. ***O** procuro todos os dias.
 d. ?Procuro-**o** todos os dias.

Por um lado, vemos que o clítico *o* não pode ser licenciado antes do verbo finito quando à sua esquerda não há elemento fonético realizado (38c). Nesse caso ele somente pode ocorrer na posição pós-verbal, como em (38d). Temos, assim, a ilustração da lei Tobler-Mussafia, que preconiza a posposição do clítico ao verbo quando este aparece na primeira posição na sentença. Por outro, notamos que essa restrição não se aplica ao clítico *te*, pois ele ocorre antes do verbo mesmo na ausência de elementos fonéticos à sua esquerda (38a).

Para que o clítico *o* possa ser licenciado antes do verbo, deverão antes deste ocorrer elementos foneticamente realizados, como em (39a):

- (39) a. O seu pai **o** procura todos os dias.
 b. ?O seu pai procura-**o** todos os dias.
 c. O seu pai **te** procura todos os dias.
 d. ?O seu pai procura-**te** todos os dias.

Notemos que o comportamento do clítico *o*, agora, é semelhante ao do clítico *te*: ambos ocorrem antes do verbo.

2.5. A IMPOSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO DE MAIS DE UM CLÍTICO NA MESMA SENTENÇA:

Uma outra particularidade que envolve os clíticos do PB diz respeito à impossibilidade de ocorrência de mais de um clítico por sentença, fato este registrado em outras línguas românicas como o italiano, o francês, espanhol e português europeu. Para ilustrar a restrição do PB, consideremos (40) e (41):

- (40) a. *O livro, o João **mo** deu ontem.
 b. *O livro, o João **o me** deu ontem.
 c. *O livro, o João **o vai me** dar amanhã.
 d. *O livro, o João vai **me dá-lo** amanhã.
- (41) a. ?O livro, o João **me** deu **ele** ontem.
 b. ?O livro, o João **o** deu para **mim** ontem.
 c. ?O livro, o João **o** vai dar para **mim** amanhã.
 d. ?O livro, o João vai **me** dar **ele** amanhã.
 e. ?O livro, o João vai **dá-lo** para **mim**.

Em (40), note-se que o problema não está relacionado com a ordenação dos clíticos, mas sim com o fato de os dois objetos serem representados concomitantemente por aquele tipo de constituinte. Paralelamente, as sentenças de (41) (embora apresentem julgamentos variáveis) mostram que a agramaticalidade de (40) não decorre da impossibilidade de pronominalização dos dois objetos, mas de se usar dois clíticos numa mesma sentença.

No PB, além de (41) também podemos ter (42) onde os dois objetos, direto e indireto, podem ser representados por dois pronomes tônicos, ao mesmo tempo:

- (42) a. ?O livro, o João deu **ele** para **mim**.
 b. ?O livro, o João vai dar **ele** para **mim**.

Resumindo: por um lado, percebemos que o PB impede que sentenças como (40) sejam produzidas. Por outro, vemos que tal língua inova a sua sintaxe com sentenças como (42a) e (42b); sentenças estas que em outras línguas românicas normalmente teriam, no mínimo, um dos objetos cliticizados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao posicionamento do clítico, vimos que o PB opera com dois conjuntos: de um lado, os clíticos de primeiro grupo; de outro, o de segundo grupo que, dependendo do contexto em que ocorre, pode apresentar um *onset* superficializado.

Os primeiros são licenciados antes do verbo, seja em sentenças com um só verbo, finito e não-finito, seja em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes. Este último contexto evidencia um comportamento típico do PB: o clítico se posiciona antes do verbo mais baixo da sentença, seja ele infinitivo, gerúndio ou particípio ativo. O contexto que contraria esse posicionamento é aquele que apresenta particípio passivo, onde os clíticos ocorrem junto ao verbo mais alto.

O segundo tipo de clítico também ocorre na posição pré-verbal nas sentenças com um só verbo finito. Já nas sentenças com um só verbo não-finito, *o* é licenciado depois do verbo. Quando este for infinitivo, além de ele perder o /-r/ final, o clítico *o* aparece com um *onset* superficializado. Nas sentenças com mais de um verbo adjacente ele também pode ocorrer amalgamado ao verbo mais baixo; porém, na posição pós-verbal. Se o clítico não for licenciado desta forma, poderá ocorrer junto ao verbo finito, desde que seja na posição pré-verbal.

Vimos, também, que em sentenças iniciadas por um verbo o clítico *o* somente pode ocorrer na posição pós-verbal. Na pré-verbal, ele aparece quando há elementos foneticamente realizados à sua esquerda. Quanto aos outros clíticos, eles sempre aparecem antes do verbo, independentemente de haver ou não elementos sintáticos visíveis. Além disso, mostramos que no PB dois objetos não podem ser cliticizados numa mesma sentença; mas nada impede que nesta língua dois pronomes tônicos possam substituir os dois objetos concomitantemente.

Em suma, vimos que é possível estabelecer contrastes bem definidos no universo dos clíticos. Quando usados no PB, eles apresentam comportamentos com certo grau de sistematicidade.

REFERÊNCIAS

- COAN, M. & SILVEIRA, G. “Construções com clíticos na fala de Florianópolis e Chapecó”. In: **Anais do 1º encontro do CelSul**. Florianópolis: UFSC, 1997, p.577-585.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- GALVES, C. “Do Português Clássico ao Português Europeu Moderno: uma análise minimalista”. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: UFBA. 1997, p.105-128.
- KANTHACK, G. S. **Clíticos no português do Brasil**. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.
- MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: edições UFC. 1994.
- PAGOTTO, E. G. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp. 1992.
- PEREIRA, M. das G. D. **A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil**. Dissertação de mestrado, PUCRJ, 1981.
- RIBEIRO, I. “Algumas reflexões sobre a atuação da Lei Tobler-Mussafia no português arcaico”. In: **Estudos lingüísticos e literários**. 1996, p. 187-198.
- SILVEIRA, G. **O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC. 1997.
- _____. “Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem minimalista”. In: **Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN**. Florianópolis: UFSC, 2000.

